

Um romance de estreia imperdível!

THE NEW YORK TIMES BOOK REVIEW

NUNCA é Tarde



para *Richard Roper* começar a viver



ANDREW ADORA
A VIDA QUE TEM.
OU ASSIM PARECE...

TOP
SEL
LER

Para a minha mãe e o meu pai

Saúde Pública (Controlo de Doenças), Lei 1984, secção 46

(1) É dever das autoridades locais garantir que seja enterrado ou cremado o corpo de qualquer pessoa que tenha morrido ou sido encontrada morta na sua jurisdição, sempre que às autoridades pareça que não foram ou não estão a ser feitos quaisquer preparativos para a eliminação do corpo por parte de mais ninguém exceto as autoridades.

Capítulo 1

Andrew olhou para o caixão e tentou lembrar-se de quem estava no interior. Era um homem, disso tinha a certeza. No entanto, de maneira algo assustadora, o nome escapou-lhe. Pensou que reduzira as opções a John ou James, mas Jake fora o último a ser tido em consideração. Era inevitável que tal acontecesse, presumiu. Estivera em tantos daqueles funerais, que algum dia iria acontecer, mas isso não o impediu de sentir repulsa por si mesmo.

Seria ótimo se ao menos conseguisse recordar o nome antes de o pastor o dizer. Não havia programa da cerimónia, mas talvez pudesse verificar no telefone do trabalho. Seria batota? É provável. Além do mais, seria uma manobra suficientemente astuta para se safar numa igreja cheia de enlutados, mas quase impossível quando, à exceção dele, a única pessoa que lá estava era o pastor. Por norma, o dono da agência funerária também lá estaria, mas ficara em casa doente.

De forma algo desconcertante, o pastor, que estava próximo de Andrew, mal o olhara nos olhos desde que dera início à cerimónia. Andrew ainda não tinha lidado com ele. Era pueril e falava com um tremor implacavelmente amplificado pelo eco da igreja. Andrew não sabia dizer se era apenas uma questão de nervosismo. Tentou um sorriso tranquilizador, mas não pareceu ser de grande ajuda. Será que o sinal do polegar para cima seria pouco apropriado? Optou por não o fazer.

Voltou a olhar para o caixão. Talvez *fosse* um Jake, ainda que o homem tivesse 78 anos aquando da sua morte, e não houvesse

muitos Jakes septuagenários. Pelo menos por enquanto. Seria estranho que, passados 50 anos, os lares estivessem cheios de Jakes e Waynes, Tinkerbells e Appletisers, com tatuagens tribais desbotadas que se poderiam quase traduzir por «obras na estrada nos próximos 30 quilómetros» na parte inferior das costas.

Meu Deus, concentra-te, advertiu-se. O objetivo de estar ali era o de ser testemunha daquela pobre alma que partia na última viagem, de lhe dar alguma companhia no lugar de familiares ou amigos. Dignidade, eis a sua palavra de ordem.

Infelizmente, dignidade era algo com pouca oferta para John ou James ou Jake. De acordo com o relatório da médica-legista, ele morrera na casa de banho enquanto lia um livro sobre búbios. Para cúmulo, Andrew soube mais tarde, em primeira mão, que nem sequer era um livro lá muito *bom* sobre búbios. Ele não era especialista, admitia; mas não tinha a certeza se o autor — que das poucas passagens lidas por Andrew se revelou extraordinariamente resmungão — devia ter dedicado uma página inteira a falar mal de peneireiros. O falecido dobrara o canto dessa página como um simples marcador, por isso talvez estivesse de acordo. Enquanto Andrew tirava as suas luvas de látex, tomou nota mentalmente para insultar um peneireiro — ou qualquer outro membro da família dos falcões — da próxima vez que visse um, como uma espécie de tributo.

Além de mais uns livros sobre aves, a casa estava desprovida de quaisquer pistas sobre a personalidade do homem. Não havia discos ou filmes, bem como quadros nas paredes ou fotos nos parapeitos das janelas. A única idiossincrasia era uma desconcertante quantidade de caixas de cereais ricos em fibra nos armários da cozinha. Por isso, excetuando ser um ornitólogo entusiasta com um ótimo sistema digestivo, era impossível adivinhar que género de pessoa fora John ou James ou Jake.

Andrew tinha sido tão diligente como sempre na inspeção da propriedade. Fez uma vistoria à casa, um curioso *bungalow* que se exibia em jeito de desafio como um interlúdio incongruente na rua

de casas geminadas, até ter a certeza de que não lhe escapara nada que sugerisse que o homem tinha familiares com quem ainda mantivesse contacto. Batera à porta dos vizinhos, mas ou eram indiferentes ou desconheciam a existência daquele homem, ou o facto de esta ter terminado.

O pastor passou então a falar, com alguma segurança, sobre Jesus, e Andrew sabia, por experiência, que o serviço estava a chegar ao fim. Ele *tinha* de se lembrar do nome daquela pessoa — era uma questão de princípio. Deu mesmo o seu melhor, inclusive quando não estava lá mais ninguém, para ser um enlutado exemplar, para ser tão respeitador como se estivessem presentes centenas de familiares devastados. Chegou até a tirar o relógio de pulso antes de entrar na igreja, porque sentia que a derradeira viagem do falecido devia estar livre da interferência de um tiquetaque.

O pastor estava, de facto, a terminar a cerimónia nesse momento. Andrew ia ter de tomar uma decisão.

John, decidiu. Ele era definitivamente John.

— E embora acreditemos que John — *bingo!* — tenha passado, de certa maneira, dificuldades nos seus últimos anos de vida, tendo infelizmente partido deste mundo sem família ou amigos ao seu lado, podemos ter o conforto de saber que, com Deus à espera de braços abertos, repleto de amor e bondade, esta será a última viagem que fará sozinho.

Andrew não costumava demorar-se depois dos funerais. Nas poucas ocasiões em que isso aconteceu, acabou por ter de fazer conversa embaraçosa com o pessoal da agência funerária ou com pessoas curiosas que apareceram à última hora. Era notável a quantidade de gente que aparecia, a pairar no exterior e a vomitar banalidades vazias. Andrew tinha muita experiência em escapulir-se para evitar tais encontros, mas hoje estava distraído com um sinal no quadro de avisos da igreja que publicitava a inquietantemente bem-disposta «Festa Louca de Verão!», quando sentiu alguém a dar-lhe pancadinhas no ombro com a insistência de um pica-pau. Era o pastor. De perto

parecia ainda mais jovem, com os seus olhos azul-bebé e o cabelo loiro com risca ao meio, como se tivesse sido a mãe a penteá-lo.

— Olá, é o Andrew, certo? Trabalha na Câmara, não é?

— Precisamente — disse Andrew.

— Presumo que não tenha tido sorte a encontrar familiares. — Andrew respondeu abanando a cabeça. — É pena, é mesmo uma grande pena.

O pastor parecia agitado, como se guardasse um segredo que queria desesperadamente partilhar.

— Posso perguntar-lhe uma coisa?

— Sim — respondeu Andrew, pensando logo numa desculpa para não ter de ir à «Festa Louca».

— O que achou daquilo? — quis saber o pastor.

— Refere-se ao funeral? — perguntou Andrew, enquanto puxava um fio solto no seu casaco.

— Sim. Bem, na verdade, para ser mais específico, refiro-me à minha parte. É que foi o meu primeiro funeral. Para ser franco, fiquei bastante aliviado por começar com este, pois não estava cá ninguém e pareceu-se mais com um ensaio. Espero que agora já esteja preparado para quando houver uma cerimónia fúnebre como deve ser, com uma igreja cheia de amigos e familiares, não apenas um tipo da Câmara Municipal. Sem ofensa — acrescentou ele, pousando uma mão no braço de Andrew. Este fez um esforço para não recuar. Detestava quando as pessoas faziam aquilo. Desejava poder defender-se como os chocos e disparar tinta contra os olhos dessa gente. — Portanto, como é que acha que correu?

O que quer que lhe diga?, pensou Andrew. *Bem, não derrubou o caixão nem chamou acidentalmente ao falecido Sr. Hitler, por isso diria uma pontuação de dez em dez.*

— Esteve muito bem — disse ele.

— Ah, ótimo. Obrigado, amigo — disse o pastor, olhando para ele com uma intensidade renovada. — Agradeço imenso.

Ele estendeu a mão. Andrew apertou-lha e quis logo soltá-la, mas o pastor não a largava num aperto firme.

— Bem, tenho de ir andando — disse Andrew.

— Ah, sim, claro — disse o pastor, soltando-lhe por fim a mão.

Andrew começou a caminhar, exaltando um suspiro de alívio por escapar sem mais perguntas.

— Vemo-nos em breve, espero — gritou o pastor.

Capítulo 2

Os funerais receberam muitas designações ao longo dos anos: «Saúde Pública», «Contrato», «Assistência Social», «Secção 46», mas nenhuma das tentativas de mudança de nome chegaria alguma vez a substituir o original. Quando Andrew encontrou a expressão «Funeral dos Pobres», considerou-a bastante evocativa; até romântica, um pouco à maneira de Dickens. Fazia-o pensar em alguém há 150 anos numa aldeia isolada — cheia de lama e galinhas a cacarejar —, que sucumbia a um caso de sífilis, a morrer com a bela idade de 27 anos e a ser atirado alegremente para uma cova, para regenerar a terra. Na prática, o que ele vivia era deprimentemente analítico. Os funerais eram agora uma obrigação legal das Câmaras no Reino Unido, criados para os que passavam despercebidos, cuja morte talvez tenha sido apenas notada devido ao cheiro do corpo em decomposição, ou devido a uma conta por pagar. Foram várias as ocasiões em que Andrew descobriu que o falecido tinha dinheiro suficiente no banco para débitos diretos que cobrissem as contas durante meses após a morte, ou seja, a casa era mantida quente o suficiente para acelerar a decomposição do corpo. Depois do quinto crucial caso em que isto sucedeu, pôs a hipótese de o mencionar na secção «Outros Comentários» no seu inquérito anual de satisfação laboral. Mas acabou por perguntar se podiam ter mais uma chaleira na cozinha partilhada.

Outra expressão a que já se habituara era «A Corrida das Nove Horas». O seu patrão, Cameron, explicara-lhe a sua origem enquanto

furava com violência a película de um *biriyani* adequado para micro-ondas. «Se morre sozinho» — furo, furo, furo —, «é provável que também seja enterrado sozinho» — furo, furo, furo — «para que a igreja possa despachar o funeral às nove horas, sabendo bem que qualquer comboio pode ser cancelado» — furo — «e que qualquer autoestrada pode ficar engarrafada» — furo — «e que isso não fará qualquer diferença». Um último furo. «Porque ninguém vem a caminho.»

No ano anterior, Andrew organizara 25 desses funerais (o seu recorde anual). Participara em todos eles, ainda que não fosse obrigado a fazê-lo. Era, dizia a si mesmo, um pequeno gesto, ainda que significativo, estar lá alguém que não fosse legalmente obrigado. No entanto, deu por si cada vez mais a observar os caixões singelos, sem verniz, a serem descidos ao solo numa parcela específica, sabendo que seriam descobertos mais três ou quatro vezes enquanto outras urnas seriam colocadas, como um jogo de Tetris macabro, e pensando que a sua presença não contava para nada.

Enquanto Andrew se sentava no autocarro com destino ao trabalho, verificou a gravata e os sapatos, tendo ambos já visto melhores dias. Havia uma nódoa persistente na gravata, de origem desconhecida, que não cedia. Ele tinha os sapatos bem engraxados, mas começavam a parecer desgastados. Demasiados arranhões provocados pela gravilha do adro, demasiadas vezes foi o couro ferido onde ele dobrava os dedos quando o pastor tropeçava nos discursos. Andrew devia mesmo substituí-los, assim que recebesse o ordenado.

Agora que o funeral terminara, dedicou um momento a arrumar John na mente (veio a saber, quando ligou o telemóvel, que o apelido era Sturrock). Como sempre, tentou resistir à tentação de ficar obcecado com a maneira como John acabara numa situação tão desesperada. Não havia mesmo uma sobrinha ou um afilhado com quem trocasse postais no Natal? Ou um velho amigo da escola que lhe ligasse, nem que fosse só no aniversário? Mas era um beco sem saída. Tinha de ser o mais objetivo possível, para seu próprio bem, nem que fosse só para tentar ter força mental suficiente para

lidar com o próximo desafortunado que acabasse daquela maneira. O autocarro parou num sinal vermelho. Quando ficou verde, Andrew obrigou-se a dizer um último adeus.

Chegou ao escritório e retribuiu o aceno entusiasta de Cameron com um bastante mais comedido. Ao afundar-se na sua resistente cadeira que foi ganhando a sua forma ao longo dos anos, soltou um grunhido agora tristemente familiar. Pensara, depois de completar 42 anos, que ainda teria mais uns pela frente antes de começar a acompanhar tarefas físicas menores com barulhos estranhos, mas parecia ser uma forma gentil de o Universo lhe dizer que se dirigia oficialmente à meia-idade. Imaginava que não faltaria muito tempo para iniciar os dias a queixar-se como eram fáceis os exames escolares e começar a comprar calças de sarja bege.

Enquanto esperava que o sistema operativo do seu computador iniciasse, observava de soslaio o seu colega, Keith, a devorar um pedaço de chocolate e a lambar metodicamente a cobertura dos seus dedos gordinhos.

— Foi dos bons? — disse Keith, sem tirar os olhos do ecrã, que, sabia Andrew, exibia provavelmente uma galeria de atrizes que tiveram a ousadia de envelhecer, ou algo pequeno e felpudo em cima de um *skate*.

— Foi razoável — disse Andrew.

— Havia lá mirones? — perguntou uma voz por trás deles.

Andrew estremeceu. Não tinha reparado que Meredith se sentara no seu lugar.

— Não — respondeu, sem sequer se dar ao trabalho de se virar. — Apenas eu e o pastor. Ao que parece, foi o primeiro funeral dele.

— Chiça, que raio de maneira de começar — disse Meredith.

— Para ser franco, é melhor isso do que uma sala cheia de gente a chorar — afirmou Keith, lambendo uma última vez o seu mindinho. — Ficava todo borrado, não?

O telefone do escritório tocou, e os três permaneceram sentados sem atender a chamada. Andrew estava prestes a ceder, mas a frustração de Keith levou a melhor.

— Estou sim, Departamento da Óbitos. Sim. Claro. Pois. Certo.

Andrew pegou nos auscultadores e escolheu Ella Fitzgerald. Acabara de descobrir o *Spotify*, para deleite de Keith, que depois disso passara um mês a chamar «velhadas» a Andrew. Apeteceu-lhe começar com um clássico, algo reconfortante. Decidiu-se por *Summertime*. No entanto, a canção mal começara e já tinha Keith de pé à sua frente com um pneu a espreitar pelo espaço entre os botões da camisa.

— Oláaaaa. Está aí alguém? — Andrew tirou os auscultadores dos ouvidos. — Era a médica-legista. Temos um fresquinho. Bem, não é um corpo fresquinho, claro. Eles acham que está morto há várias semanas. Não parece ter familiares evidentes e os vizinhos nunca falavam com ele. O corpo foi retirado, por isso querem uma inspeção à propriedade o quanto antes.

— Certo.

Keith catou uma crosta no seu cotovelo.

— Amanhã está bem para ti?

Andrew consultou a agenda.

— Pode ser, logo de manhã.

— Caraças, és rápido — disse Keith, bamboleando-se de regresso à sua secretária.

E tu és uma fatia de fiambre que foi deixada ao sol, pensou Andrew. Ele ia voltar a colocar os auscultadores, mas nesse momento Cameron saiu do escritório e bateu palmas para chamar a atenção de todos.

— Reunião de equipa, malta — anunciou. — E sim, sim, não se preocupem. A atual Sra. Cameron fez um bolo, como de costume. Vamos para a zona de lazer?

Os três responderam com o entusiasmo de uma galinha, se a esta lhe fosse pedido que vestisse um biquíni de presunto e entrasse no covil de uma raposa. A «zona de lazer» era composta por uma mesa à altura dos joelhos, ladeada por dois sofás que cheiravam inexplicavelmente a enxofre. Cameron lançara a ideia de acrescentar pufes, mas tal foi ignorado, bem como as suas sugestões de se trocar

de secretária à terça-feira, um jarro para pensamentos negativos («é um jarro de asneiras, mas para pensamentos negativos!») e uma corrida de equipa pelo parque. «Estou ocupado», bocejara Keith. «Mas ainda não vos disse em que dia», dissera Cameron, com um sorriso hesitante como uma chama numa corrente de ar. Sem se deixar desencorajar pela falta de entusiasmo, a mais recente sugestão de Cameron prendia-se com uma caixa de sugestões. O que também foi ignorado.

Acomodaram-se nos sofás e Cameron repartiu bolo e chá entre todos para os aliciar à tagarelice. Keith e Meredith tinham-se instalado no mais pequeno dos dois sofás. Meredith estava a rir-se de alguma coisa que Keith acabara de lhe sussurrar. Da mesma forma que os pais são capazes de reconhecer variantes nos choros dos seus bebés, também Andrew tinha começado a aperceber-se do que indicavam os distintos risos de Meredith. Neste caso em particular, a risadinha aguda indicava que alguém estava a ser gozado com crueldade. Tendo em conta que eram evidentes os olhares furtivos que lançavam na sua direção, parecia muito provável que fosse ele.

— Olaré, senhoras e senhores — disse Cameron. — Começamos pelo início: não se esqueçam de que amanhã chega uma nova colega. A Peggy Green. Sei que temos tido algumas dificuldades desde que o Dan e a Bethany se foram embora, por isso é mesmo fixe podermos ter alguém para ajudar.

— Desde que ela não fique «stressada» como a Bethany — disse Meredith.

— Ou não seja imbecil como o Dan — resmungou Keith.

— *Seja como for* — afirmou Cameron —, aquilo de que vos queria mesmo falar hoje é... tá-tara-tá! — tocou uma corneta imaginária — ... da minha ideia divertida semanal! Malta, não se esqueçam de que isto é algo em que todos se podem envolver. Não importa quão louca é a ideia. A única regra é que tem de ser divertida. — Andrew estremeceu. — Portanto, a minha ideia divertida desta semana é... rufar de tambores... que todos os meses tenhamos um convívio com jantar na casa de um de nós. Uma espécie de Come

Dine With Me¹, mas sem concurso. Comemos uns petiscos, atrevo-me a dizer que bebemos algum vinho, e isso irá dar-nos oportunidade de nos conhecermos um pouco melhor, de conhecermos as famílias uns dos outros e tal. Estou *tão* feliz por poder fazer isto. O que dizem?

Andrew deixou de ouvir depois da parte de conhecer as famílias.

— Não há mais nada que possamos fazer? — perguntou, tentando manter a voz firme.

— Oh — disse Cameron, logo desanimado. — Pensava que era uma das minhas melhores ideias.

— Mas é! — retorquiu Andrew, agora a tentar compensar. — Só que... não podíamos antes ir a um restaurante?

— Demasiado dispendioso — disse Keith, arremessando migalhas de bolo por todo o lado.

— Bem, e que tal outra coisa qualquer? Sei lá, *Laser Quest* ou algo assim. Ainda se faz isso?

— Eu veto o *Laser Quest* com base no facto de não ser um rapaz de 12 anos — disse Meredith. — Gosto da ideia do jantar em casa. Na verdade, sou uma espécie de Nigella secreta na cozinha. — Virou-se para Keith. — Aposto que ficavas maluco com a minha perna de borrego.

Andrew sentia bÍlis a agitar-se-lhe no estômago.

— Anda lá, Andrew — insistiu Cameron, de confiança renovada depois de Meredith dar a sua bênção à ideia. Tentou um murro amigo no braço, que fez Andrew derramar chá pela perna abaixo. — Vai ser girÍssimo! Não é preciso ninguém cozinhar nada muito requintado. E adorava conhecer a Diane e os miúdos, como é evidente. Portanto, que é que dizes? Estás nessa, camarada?

Andrew tinha a mente a mil à hora. De certeza que não havia nada que pudesse sugerir como alternativa? Aulas de desenho anatómico? Caça ao texugo? *Qualquer coisa*. Agora os outros limitavam-se a olhar para ele. Tinha de dizer alguma coisa.

¹ Programa de culinária britânico no qual cozinheiros amadores cozinham em suas casas para os outros concorrentes, que atribuem pontuações. [N. T.]

— Raios partam, Andrew! Parece que viste um fantasma — disse Meredith. — De certeza que não cozinhas assim tão mal. Além disso, tenho a certeza de que a Diane é ótima cozinheira, a somar aos seus outros talentos, por isso ela pode ajudar-te.

— A-hã — murmurou Andrew, batendo com as pontas dos dedos umas nas outras.

— Ela é advogada, não é? — perguntou Keith. Andrew assentiu com a cabeça. Talvez houvesse uma catástrofe mundial qualquer nos dias seguintes, uma bela e velha guerra nuclear que os fizesse esquecer aquela ideia estúpida.

— Tens aquela linda casa em Dulwich, não é? — perguntou Meredith, praticamente a escarnecer. — São cinco assoalhadas, certo?

— Quatro — respondeu Andrew. Ele detestava quando ela e Keith ficavam assim. Uma autêntica equipa de escárnio e maldizer.

— Mesmo assim — acrescentou Meredith —, uma bela e espaçosa casa de quatro assoalhadas, filhos inteligentes, e a Diane, a tua esposa talentosa, sustento da família. Que bela caixinha de surpresas me saíste.

Mais tarde, enquanto Andrew se preparava para sair do escritório, tendo estado demasiado distraído para trabalhar como deve ser, Cameron apareceu junto à secretária dele e agachou-se. Parecia que aprendera esse movimento num curso qualquer.

— Olha — disse ele, baixinho —, eu sei que não gostaste muito da ideia do jantar, mas pensa nisso, está bem, amigo?

Andrew folheou desnecessariamente uns papéis na secretária.

— Ah, pois, não quero ser desmancha-prazeres, só que... Está bem, vou pensar no assunto. Mas, se não fizermos isso, de certeza que arranjamos outra ideia, estás a ver, divertida.

— É esse o espírito — disse Cameron, endireitando-se e virando-se para todos. — É isso aplica-se a todos vocês, espero eu. Vamos lá, equipa, vamos lá despachar isto de estreitar laços, sim?

Andrew gastara recentemente um dinheirão nos auscultadores antirruído para as viagens para o trabalho, pelo que, embora conseguisse

ver o espirro horroroso do homem sentado à sua frente e uma criança a gritar perante a injustiça de ser obrigada a calçar não um, mas dois sapatos, lhe parecia simplesmente um filme mudo com a incongruência de ter a voz suave de Ella Fitzgerald como banda sonora. Não demorou muito, contudo, a que a conversa que tivera lugar no escritório começasse a repetir-se na sua mente, competindo com Ella pela sua atenção.

«Diane, sustento da família... Filhos inteligentes... Linda casa». O sorriso tonto de Keith. O escárnio de Meredith. A conversa perseguiu-o até à estação e nem quando foi comprar comida para o jantar o largou. Foi então que deu por si no supermercado do bairro, junto a múltiplas embalagens recentes de batatas fritas a que deram o nome de celebridades, a tentar não gritar. Volvidos dez minutos a pegar nas mesmas refeições prontas e pousando-as de novo, sentindo-se incapaz de escolher uma, saiu para a chuva de mãos vazias e rumo a casa com o estômago a roncar.

Ficou um momento a tremer à porta de casa. Quando o frio se tornou insuportável, acabou por tirar as chaves do bolso. Isto de ficar parado à porta, com a chave na fechadura, a suster a respiração, costumava acontecer um dia por semana.

Talvez desta vez.

Talvez desta vez *estivesse* mesmo uma alegre casinha atrás daquela porta: Diane a preparar o jantar. O cheiro a alho e a vinho tinto. Steph e David à bulha ou a fazer perguntas sobre os respetivos trabalhos de casa, de seguida os vivos entusiasmados quando abrisse a porta porque o pai chegou, o pai chegou!

À entrada de casa, o cheiro a humidade atingiu-o com mais força do que era costume. E lá estavam os arranhões nas paredes do corredor e o intermitente e leitoso amarelo do tubo de iluminação imperfeito. Subiu penosamente as escadas, com os sapatos molhados a chiarem a cada passo, e fez deslizar a segunda chave ao longo do porta-chaves. Esticou o braço para endireitar o instável número dois na porta e entrou, recebido, como nos últimos 20 anos, por nada mais além de silêncio.

Capítulo 3

Cinco anos antes

Andrew estava atrasado. Isso não seria um desastre total se no currículo que enviara para a entrevista de emprego daquela manhã não tivesse afirmado ser «extremamente pontual». Não só pontual: *extremamente* pontual. Existiria tal coisa? *Haveria* extremidades de pontualidade? Como é que alguém consegue sequer medir algo assim?

Além do mais, a culpa daquela imbecilidade também era sua. Estava a atravessar a estrada quando um estranho grasnido o distraiu e ele olhou para cima. Havia um ganso que passava disparado no céu, com a sua barriga branca tornada laranja pelo sol matinal, os estranhos grasnidos e o movimento errático dando-lhe a aparência de avião de combate avariado a esforçar-se por regressar à base. Foi quando o pássaro se estabilizou e prosseguiu o seu curso que Andrew escorregou em gelo. Houve um breve instante em que agitou os braços e os pés se agarraram a nada, como uma personagem de banda desenhada junto a um penhasco, antes de cair com um baque.

— O senhor está bem?

Andrew resfolegou sem dizer patavina em resposta à mulher que acabara de o ajudar a levantar-se. Parecia-lhe que alguém o atacara com um martelo de forja na região lombar. No entanto, não foi isso

que o impediu de encontrar palavras para agradecer àquela mulher. Havia algo na maneira como ela o olhava — uma espécie de sorriso, o jeito como punha o cabelo atrás das orelhas — que, de tão assustadoramente familiar, o deixava sem fôlego. Os olhos da mulher pareciam estar a examiná-lo, como se também ela tivesse sido atingida por uma sensação intensa de reconhecimento e dor. Andrew só percebeu que ela estava, na verdade, à espera de que ele lhe agradecesse depois de ela dizer «bem, então adeus» e ir-se embora. Ele pensou se devia correr atrás dela para tentar desculpar-se. Mas, nesse preciso momento, começou a tocar uma melodia na sua cabeça. *Blue moon, you saw me standing alone*. Precisou de se concentrar bastante para a afastar, semicerrando os olhos e massajando as têmporas. Quando tornou a olhar, a mulher já lá não estava.

Sacudiu-se de alto a baixo, com a consciência súbita de que houve pessoas a vê-lo cair que desfrutavam da sua dose de alegria maliciosa. Evitou olhá-las nos olhos e prosseguiu, de cabeça baixa e mãos enterradas nos bolsos. A pouco e pouco, a vergonha deu lugar a outra coisa. Era no rescaldo destes percalços que a sentia agitar-se por dentro e começar a espalhar-se, densa e fria, fazendo parecer que caminhava sobre areia movediça. Não tinha ninguém com quem partilhar o sucedido. Ninguém que o ajudasse a rir-se do que aconteceu. A solidão, porém, estava sempre alerta, sempre presente para bater palmas vagarosas a todos os seus tropeções.

Ainda que ligeiramente abalado após a escorregadela, estava bem, excetuando uma pequena esfoladela na mão. Agora que se aproximava dos 40 anos, sabia bem que havia um pequeno, embora visível, ponto no horizonte onde uma escorregadela normal se tornaria «uma pequena queda». (Ele acolhia com prazer a ideia de um estranho solidário a pôr-lhe o casaco em cima enquanto esperavam por uma ambulância, apoiando-lhe a cabeça e apertando-lhe a mão.) Ainda que não estivesse ferido, o mesmo não se podia dizer, infelizmente, da sua camisa branca outrora lavada, agora salpicada de água suja. Por breves instantes, considerou a hipótese de tentar tirar algum proveito disto e da mão esfolada para impressionar o entrevistador.

«O quê, isto? Ah, quando vinha para cá tive de me atirar para a frente de um autocarro/bala/tigre para salvar uma criança/cachorro/dignitário. Seja como for, cheguei a dizer que sou uma pessoa com iniciativa e que trabalho bem sozinho e em equipa?» Decidiu-se pela opção mais sensata e entrou na Debenhams mais próxima para comprar uma camisa nova. O sucedido deixou-o transpirado e sem fôlego, apresentando-se assim à rececionista na catedral de cimento que eram os escritórios daquela Câmara Municipal.

Sentou-se, como lhe sugeriram, e respirou fundo várias vezes. Precisava daquele emprego. Muito. Tinha desempenhado vários papéis administrativos de um município vizinho desde os 20 e poucos anos, acabando por encontrar um posto onde trabalhou durante oito anos, até ser despedido. A chefe de Andrew, Jill, uma mulher afável e de faces rosadas, oriunda de Lancashire, com uma abordagem à vida «primeiro um abraço, depois as perguntas», sentiu-se tão mal por ter de o despedir que, aparentemente, telefonou para todas as repartições públicas em Londres a perguntar por vagas de emprego. A entrevista desse dia foi a única originada pelos telefonemas de Jill, e o e-mail dela para lhe descrever o trabalho era, de uma forma frustrante, bastante vago. Pelo que Andrew percebeu, era semelhante ao que andara a fazer antes, em grande parte administrativo, ainda que envolvesse algo relacionado com inspeção de propriedades. Mais importante ainda, pagava o mesmo que o seu emprego anterior e podia começar já no mês seguinte. Há dez anos havia a hipótese de ele considerar começar de novo. Viajar, quiçá, ou uma mudança de carreira arrojada. No entanto, hoje em dia só o facto de ter de sair de casa já o deixava com uma vaga sensação de ansiedade, pelo que caminhar até ao Machu Pichu ou fazer uma formação de domador de leões não estava propriamente em cima da mesa.

Ele arrancou um pedaço solto de pele do dedo com os dentes, abanando o joelho num esforço para se acalmar. Quando Cameron Yates enfim apareceu, Andrew teve a sensação de já o ter conhecido antes. Estava prestes a perguntar se assim era — talvez pudesse

usar isso para cair nas boas graças dele —, mas depois deu-se conta de que apenas reconhecia Cameron por ele ser a cara chapada de um jovem Wallace de *Wallace e Gromit*. Tinha olhos esbugalhados, demasiado próximos um do outro, e grandes dentes da frente que se projetavam irregularmente para baixo como estalactites. As únicas verdadeiras diferenças eram o seu tufo de cabelo negro e o sotaque dos arredores de Londres.

Fizeram conversa de ocasião no minúsculo elevador, e nesse tempo todo Andrew não conseguiu desviar o olhar das estalactites. *Deixa de olhar para a merda dos dentes*, disse para si mesmo, enquanto olhava diretamente para a merda dos dentes.

Esperaram que alguém lhes trouxesse dois copinhos azuis de plástico com água morna antes de a entrevista ter início a sério. Cameron começou por uma breve e apressada descrição do emprego, mal parando para respirar, enquanto resumia, caso Andrew ficasse com o trabalho, a forma como ele lidaria com as mortes cobertas pela Lei de Saúde Pública. «Ou seja, tratar com os agentes funerários da organização dos serviços, redigir obituários para o jornal local, registar as mortes, localizar familiares, recuperar despesas de funeral através dos bens dos falecidos. Como pode imaginar, há muita burocracia!».

Andrew assegurou-se de que ia assentindo com a cabeça, tentando assimilar tudo, rogando pragas a Jill por não ter mencionado toda aquela parte relacionada com a morte. Em seguida, antes que se apercesse, já tinha os holofotes sobre ele. De forma algo desconcertante, Cameron parecia tão nervoso quanto ele, passando de questões simples e amigáveis a perguntas confusas, num tom um pouco mais áspero, como se fizesse sozinho de polícia bom e polícia mau. Quando Andrew teve direito a um segundo para dar resposta aos disparates de Cameron, deu por si a tropeçar nas suas próprias palavras. Depois de conseguir dizer uma frase inteira, o seu entusiasmo já parecia desespero, e as suas tentativas humorísticas apenas pareciam confundir Cameron, que em mais do que uma ocasião olhou para lá do ombro de Andrew, distraído por alguém

que passava no corredor. Aquilo acabou por chegar a um ponto em que Andrew se sentia tão desanimado que considerou desistir *in loco* e ir-se embora sem mais nem menos. No meio daquela depressão provocada pela forma como as coisas corriam, ainda estava distraído com os dentes de Cameron. Por um lado, começara a questionar se eram *estalactites* ou *estalagmites*. Não havia uma mnemónica qualquer sobre tirar o apetite, que ajudava a decorar? Foi nesse momento que percebeu que Cameron acabara de lhe perguntar qualquer coisa — não fazia ideia o quê — e estava à espera de uma resposta. Em pânico, inclinou-se para a frente. «Hum», disse ele, num tom que esperava poder transmitir que agradecia uma pergunta tão atenciosa, precisando, portanto, de pensar bem na resposta. No entanto, a julgar pela crescente má cara de Cameron, era claramente um erro. Andrew percebeu que devia ter sido uma pergunta muito simples.

— Sim — disse, encurtando a resposta. Foi inundado por um grande alívio quando aquele seu sorriso de Wallace voltou a aparecer.

— Ótimo! E quantos? — perguntou.

Esta era mais manhosa, embora Andrew sentisse uma certa boa-disposição no tom de Cameron, pelo que desta vez se decidiu por uma resposta vaga e descontraída.

— Bem, acho que por vezes perco a noção — disse, tentando um sorriso pesaroso. Cameron reagiu com um riso que soava a falso, como se não soubesse bem se Andrew estava a brincar. Este decidiu reagir de imediato, na esperança de recolher mais informações.

— Importa-se que lhe faça a mesma pergunta?

— Claro que não. Eu tenho um — disse Cameron. Meteu a mão no bolso e começou a vasculhar. Passou pela cabeça de Andrew que o homem que o entrevistava estava prestes a sacar de um testículo, como se fizesse essa pergunta a todos os homens que conhecia, na esperança de encontrar alguém que também tivesse apenas um tomate. Em vez disso, Cameron mostrou a carteira. Andrew só percebeu qual tinha sido a pergunta quando ele lhe mostrou a foto de uma criança toda encafuada em equipamento de esqui. Repetiu rapidamente a conversa da perspectiva de Cameron.

Tem filhos?

Hum... Sim.

Ótimo! E quantos?

Bem, acho que por vezes perco a noção.

Céus, teria ele acabado de dar a impressão, a um potencial novo empregador, de que era uma espécie de Casanova prolífico que passava a vida a fornicar pela cidade e a deixar uma série de mulheres grávidas e casamentos destruídos?

Ainda estava a olhar para a foto do filho de Cameron. *Diz qualquer coisa!*

— Adorável — disse ele. — Um menino... adorável.

Ora bolas, agora pareces um raptor de crianças. Que bom aspeto. Começa na segunda-feira, Sr. Pedófilo!

Apertou o copo de plástico, há muito vazio, e sentiu-o partir-se na sua mão. Aquilo estava a ser um desastre. Mas como é que ele já tinha estragado tudo? Apercebeu-se, pela expressão de Cameron, de que já passara do ponto de não retorno. Era o que ele diria se Andrew admitisse ter mentido acidentalmente sobre ter filhos de que não tinha a certeza, mas parecia pouco provável que isso desse a volta ao assunto. Concluiu que a sua melhor opção era limitar-se a aguentar o resto da entrevista e tentar salvar a face o máximo possível — como continuar a realizar uma manobra num exame de condução depois de atropelar alguém.

Ao largar o copo de plástico, reparou na esfoladela na palma da mão e pensou na mulher que o ajudara naquela manhã. O cabelo castanho ondulado, aquele sorriso impenetrável. Conseguia sentir o sangue a latejar-lhe nos ouvidos. Como seria ter um momento em que pudesse apenas fingir? Dar largas a uma fantasia só para si? Qual era o mal? Qual era realmente o mal de passar um breve momento a imaginar que correria tudo bem?

Aclarou a voz. *Ia mesmo fazer isso?*

— Quantos anos tem ele? — perguntou, devolvendo a foto a Cameron.

— Acabou de fazer 7 anos — respondeu Cameron. — E os seus?

Ia mesmo fazer isso?

— Bem, a Steph tem 8 e o David tem 6 — disse.

Aparentemente, sim.

— Ah, que bom. Foi quando o meu Chris fez 4 que eu comecei mesmo a perceber que tipo de pessoa ele iria ser — disse Cameron. — Ainda que a Clara, a minha mulher, diga que sempre soube isso, antes mesmo de dar à luz.

Andrew sorriu.

— A minha mulher, a Diane, disse exatamente a mesma coisa. E, assim sem mais nem menos, ele tinha uma família.

Falaram sobre as mulheres e os filhos durante mais um pouco, mas Cameron não demorou a retomar a entrevista de emprego e Andrew sentiu a fantasia a escapar-se-lhe por entre os dedos. Passado um bocado, o tempo acabou. De forma algo inquietante, em vez de se sair com aquela coisa de saber se Andrew tinha alguma pergunta para *ele*, Cameron perguntou se tinha «últimas palavras», como se estivesse prestes a ser levado para a forca. Conseguiu desenterrar um palavrório vago qualquer sobre o quão interessante parecia o emprego e quanto gostaria de ter oportunidade de trabalhar na equipa de Cameron, que parecia tão dinâmica.

— Nós entramos em contacto — disse Cameron, com a sinceridade de um político que finge gostar de uma banda *indie* durante uma entrevista radiofónica. Andrew forçou um sorriso e lembrou-se de estabelecer contacto visual enquanto apertava a mão a Cameron, que estava fria e molhada, como se tivesse estado a acariciar uma truta.

— Obrigado pela oportunidade — disse Andrew.

Ele encontrou um café e usou a wi-fi grátis para pesquisar ofertas de emprego, mas estava demasiado distraído para procurar como devia ser. Quando agradeceu a Cameron «pela oportunidade», não tinha nada que ver com o emprego: devia-se a ter tido oportunidade de se entregar, ainda que brevemente, à fantasia de ter uma família.

Quão estranhamente arrebatador e assustador tinha sido sentir-se normal. Tentou esquecer o assunto, obrigando-se a concentrar. Se não ia conseguir mais um emprego municipal, teria de expandir a procura, mas parecia uma tarefa desencorajadora. Parecia que não havia nada para o qual estivesse qualificado. Metade das descrições de emprego já eram enigmáticas o suficiente. Olhou desesperadamente para o grande queque que comprara, mas que não comera, tendo-o antes catado até parecer um montículo de terra levantado por uma toupeira. Talvez fizesse mais covas de animais com comida e ganhasse um Prémio Turner.

Ficou sentado no café durante o resto da tarde, olhando para importantes homens de negócios nas suas importantes reuniões de negócios, e para turistas a folhear com entusiasmo os seus roteiros. Ficou por lá muito depois de todos partirem, pressionando-se contra o radiador e tentando parecer invisível à jovem empregada de mesa italiana que empilhava cadeiras e varria o chão. A empregada acabou por lhe perguntar se ele não se importava de ir embora, com um sorriso de desculpas a abandonar-lhe o rosto quando avistou as migalhas do queque espalhadas sobre a mesa.

O telemóvel de Andrew tocou no momento em que pôs um pé na rua. Era um número desconhecido.

— Andrew? — disse a pessoa do outro lado da linha. — Conseguir ouvir-me?

— Sim — respondeu, ainda que mal conseguisse ouvir devido à combinação entre vento tempestuoso e uma ambulância que passava com a sirene aos gritos.

— Andrew, é o Cameron Yates. Queria falar consigo para lhe dizer que gostei muito de o conhecer hoje. Fiquei com a impressão de que entende bem a cultura dinâmica que tento construir aqui. Portanto, para resumir, fico contente por dizer que adorava que entrasse a bordo.

— Como assim? — disse Andrew, enfiando um dedo no ouvido.

— Estou a oferecer-lhe o emprego! — exclamou Cameron. — Claro que ainda teremos de cumprir as formalidades habituais, mas

não vejo que possa haver aí algum problema, camarada. — Andrew ficou ali em pé, fustigado pelo vento. — Andrew? Ouviu o que lhe disse?

— Céus, sim, ouvi. Uau. Isso é ótimo. Estou... estou felicíssimo.

E estava. Na verdade, tão feliz que sorriu para a empregada pela janela. A empregada retribuiu com um sorriso ligeiramente confuso.

— Andrew, ouça, vou agora para um seminário, por isso vou pedir a alguém que lhe envie um e-mail com todos os pormenores. De certeza que haverá mais qualquer coisa para conversar, mas agora não se preocupe com isso. Vá para casa e dê a boa notícia à Diane e aos seus rebentos.

Capítulo 4

Era-lhe difícil acreditar que tinham passado apenas cinco anos desde aquele momento na rua ventosa em que tentava assimilar o que Cameron lhe acabara de dizer. Parecia uma eternidade.

Mexia com indiferença os feijões cozidos que crepitavam na caçarola, antes de os colocar numa côdea de pão integral com a sua única faca ainda afiada, já com o manípulo de plástico torcido e queimado. Olhou atentamente para o quadrado de azulejos rachados atrás do fogão, fingindo tratar-se de uma câmara.

— Ora, o que acabei de fazer foi combinar o feijão com o pão, e agora vou acrescentar umas gotinhas de ketchup (uso *Captain Tomato*, mas pode utilizar outra marca) para tornar isto tudo um trio saboroso. Não se podem congelar os restos, mas com sorte já terão devorado tudo em cerca de nove segundos e estarão demasiado ocupados a odiarem-se a vocês mesmos para se preocuparem com isso.

Conseguia ouvir a vizinha a murmurar pelas escadas abaixo. Ela era relativamente nova ali. Os inquilinos anteriores tinham saído há uns meses. Eram um jovem casal, de 20 e poucos anos, ambos bastante atraentes, de braços tonificados e belas maçãs do rosto. O género de aparência estética que sugeria que nunca tinham de pedir desculpa por nada nas suas vidas. Andrew obrigava-se a olhá-los nos olhos e a cumprimentá-los quando se cruzavam à entrada, mas eles nunca se davam ao trabalho de responder. Ele só soube que havia alguém novo quando ouviu aquele murmúrio característico.

Ainda não tinha visto a vizinha nova, mas, estranhamente, *tinha-a* cheirado. Ou pelo menos cheirara o seu perfume, tão intenso que se demorava eternamente à entrada. Tentou imaginá-la, mas quando invocou a imagem era apenas um rosto oval, suave e sem feições.

Nesse momento, o seu telemóvel deu sinal na bancada. Viu o nome da irmã e ficou desanimado. Verificou a data no canto do ecrã: 31 de março. Ele devia saber. Imaginou Sally a consultar o calendário, a ver um círculo vermelho à volta da data e a praguejar baixinho, sabendo que era hora do telefonema trimestral.

Andrew deu um gole fortificante de água e atendeu.

— Olá — disse ele.

— Olá — disse Sally. — Uma pausa. — Ora. Como estás, querido mano? Tudo em cima?

Céus, porque é que ela tem de falar como se fôssemos adolescentes?

— Ah, tu sabes, o costume. E tu?

— Não me posso queixar, meu. Eu e o Carl vamos a um retiro de ioga este fim de semana, para o ajudar a aprender o lado pedagógico da coisa e tudo isso.

Carl. Marido de Sally. Costuma ser encontrado a emborcar batidos proteicos e a levantar voluntariamente objetos pesados para cima e para baixo.

— Isso parece... agradável — disse Andrew. Em seguida, após aquele tipo de silêncio breve que sugere com clareza que está na hora de avançar para o assunto mais premente: — E como têm corrido os teus exames e isso tudo?

Sally suspirou.

— Fiz mais uns quantos no último mês. Os resultados foram inconclusivos, o que significa que ainda não sabem nada, basicamente é isso. Ainda assim, sinto-me muito melhor. E acham pouco provável que seja um problema do coração, por isso não devo fazer como o pai e esticar o pernil sem avisar. Eles dizem-me sempre as mesmas merdas, já sabes. Mais exercício, menos álcool, blá, blá, blá.

— Pois, ainda bem que não estão indevidamente preocupados — disse Andrew, pensando que, se Sally não devia falar como uma

adolescente, então ele também não devia falar como um professor universitário reprimido. Achava que, ao fim daqueles anos todos, não iriam parecer estranhos um para o outro. Mas ainda era essa a lista de tópicos: Trabalho. Saúde. Família (bem, Carl, a única pessoa que se aproximava de um membro familiar partilhado). Só que, desta vez, Sally decidiu lançar a bomba.

— Portanto, estava aqui a pensar com os meus botões... talvez nos devêssemos encontrar em breve. Afinal de contas, já lá vão, quê?, uns cinco anos.

Sete, pensou Andrew. *E o último encontro teve lugar no funeral do tio Dave, num crematório em frente a um SnappySnaps, em Banbury. E tu estavas drogada.* Por outro lado, ele não tinha propriamente inundado Sally com convites para se encontrarem desde então.

— Isso... isso seria bom — disse ele. — Desde que tenhas tempo, claro. Talvez nos pudéssemos encontrar a meio caminho ou algo assim.

— Sim, na boa, mano. Mas mudámos de casa, lembras-te? Agora estamos em Newquay. O negócio do Carl. Por isso, atualmente, meio caminho é noutro lado. No entanto, em maio vou a Londres ter com uma amiga. Talvez possamos apontar para essa altura?

— Sim. Está bem. Avisa-me quando vieres.

Andrew olhou em redor e mordeu o lábio. Nos 20 anos desde que se instalara no apartamento, quase nada tinha mudado. Logo, a sua casa não parecia cansada, mas sim absolutamente esgotada. Lá estava a mancha negra onde a parede se cruzava com o teto na área que se mascarava de cozinha; depois havia o sofá cinzento puído, a alcatifa velha e o papel de parede amarelo-acastanhado que devia sugerir outono, mas que, na verdade, sugeria bolachas digestivas. Tal como desbotara a cor do papel de parede, também as hipóteses de Andrew fazer alguma coisa quanto a isso. E a vergonha que sentia pelo estado da casa apenas se equiparava ao medo que o tolhia perante a ideia de mudar ou, pior ainda, de viver noutro lado. Havia pelo menos uma vantagem em morar sozinho e nunca ter companhia — ninguém o podia julgar pela maneira como vivia.

Decidiu mudar de assunto, recordando algo que Sally lhe contara da última vez que falaram.

— Como é que estão as coisas com a tua... pessoa?

Ele ouviu um isqueiro a ser acendido e depois o ténue barulho de Sally a exalar fumo.

— A minha pessoa?

— A pessoa com quem te ias encontrar. Para falar sobre coisas.

— Estás a falar da minha psicóloga?

— Sim.

— Deixei de me encontrar com ela quando nos mudámos. Meu, para ser franca, fiquei contente com a desculpa. Ela estava sempre a tentar hipnotizar-me e não funcionava. Eu dizia-lhe que era imune, mas ela não me dava ouvidos. Encontrei outra em Newquay. Acho que é mais uma curandeira espiritual. Encontrei-a por acaso quando ela estava a deixar um folheto junto ao anúncio da aula de ioga do Carl. Quais são as probabilidades de isso acontecer? — *Bem...* pensou Andrew. — Portanto, olha uma coisa — disse Sally —, queria falar contigo de outro assunto.

— Certo — disse Andrew, de repente desconfiado. Primeiro queria encontrar-se com ele, agora isto. Meu Deus, e se ela fosse tentar que ele passasse algum tempo com Carl?

— Ora bem, por norma eu não faria isto porque sei que... bem, não é algo de que falássemos normalmente. Mas, seja como for, sabes o meu velho amigo Sparky?

— Não.

— Sabes, mano. É aquele que tem uma loja de bongos em Brighton Lanes.

Obviamente.

— Está bem...

— Ele tem uma amiga, a Julia. Ela vive em Londres. Para os lados de Crystal Palace, por acaso, por isso não fica muito longe de ti. Ela tem 35 anos. E há cerca de dois anos passou por um divórcio merdoso. — Andrew afastou o telemóvel do ouvido. *Se isto vai para onde eu penso que vai...* — Mas ela agora já ultrapassou a situação e, pelo

que me diz o Sparky, ela anda à procura de... estás a ver, voltou ao mercado. Portanto, estava aqui a pensar que tu, tipo, talvez pudesses...

— Não — disse Andrew. — Claro que não. Esquece isso.

— Mas, Andrew, ela é muito fixe, tanto quanto sei. E também é bonita, pelas fotos que já vi. Aposto que vais gostar dela.

— Isso é irrelevante — afirmou Andrew. — Porque eu não quero... isso. Não é para mim agora.

— *Não é para mim.* Credo, homem, estamos a falar de amor, não de ananás nas pizzas. Não podes simplesmente rejeitar uma coisa dessas.

— Porque não? Porque é que não posso? Ninguém sai magoado se o fizer, pois não? Podia até dizer que é garantia de que ninguém sai magoado.

— Meu, mas isso não é maneira de viveres a tua vida. Tens 42 anos, ainda nos teus melhores dias. Tens de pensar em fazeres-te ao bife, senão, tipo, negas a felicidade. Eu sei que é difícil, mas tens de pensar no futuro.

Andrew sentia o coração começar a bater um pouco mais depressa. Tinha a terrível sensação de que a irmã ganhava coragem para lhe perguntar algo que nunca discutiram, não por falta de tentativas da parte de Sally. Não era tanto o elefante na sala, mas mais o brontossauro no roupeiro. Decidiu cortar o mal pela raiz.

— Fico muito grato pela tua preocupação, mas não é preciso. A sério, estou bem como estou.

— Eu percebo isso, mas, francamente, um dia vamos ter de falar sobre... estás a ver... cenas.

— Não, não vamos — disse Andrew, irritado por a voz lhe ter saído um sussurro. Mostrar qualquer tipo de emoção ia parecer um convite a Sally para manter essa linha de perguntas, como se quisesse mesmo falar sobre «cenas», o que não se verificava de todo.

— Mas, mano, um dia terá de acontecer, não é saudável!

— Sim, tal como fumar erva a vida inteira, por isso não creio que estejas em posição de julgar, pois não? — Andrew estremeceu. Ouviu Sally a exalar fumo. — Peço desculpa, isso não tem nada que ver com a conversa.

— Só estou a dizer — disse Sally, agora com intencionalidade no tom — que acho que seria bom falares sobre as coisas.

— E *eu* só estou a dizer — retorquiu Andrew — que não sinto mesmo que isso seja uma coisa que eu queira fazer. A minha vida amorosa, ou a falta dela, não é um tema que me deixe confortável. E quando se trata de «cenas», não há mesmo nada a dizer.

Uma pausa.

— Bem, na boa, mano. É contigo, acho eu. O Carl está sempre a dizer-me para deixar de te chatear com isso, mas é difícil não o fazer, sabes? És o meu irmão, mano! — Andrew sentiu um laivo familiar de autoaversão. Não era a primeira vez que a irmã tentava falar com ele e ele lhe dizia, basicamente, para ir dar uma curva. Queria desculpar-se como deve ser, dizer-lhe que era evidente que significava muito que ela se preocupasse com ele, mas as palavras ficaram-lhe presas na garganta. — Olha — disse Sally —, acho que estamos quase prontos para nos sentarmos a comer juntos. Por isso, presumo que... falamos mais tarde?

— Sim — disse Andrew, fechando os olhos em frustração. — Sem dúvida. E, obrigado, estás a ver, pelo telefonema e tal.

— Ora essa. De nada, mano. Cuida de ti.

— Sim, cuidado. Claro que sim. E tu também.

Enquanto Andrew percorria a curta distância entre a kitchenette e o seu computador, quase embateu contra o *Flying Scotsman*, que zoou com indiferença. De todos os seus comboios, o *Scotsman* parecia comportar-se com alegre indiferença (comparado com o Railroad BR InterCity, por exemplo, que parecia sempre petulante quando obrigado a viajar). Era também o primeiro motor, a primeira parte da sua coleção de comboios. Recebeu-a como presente quando era adolescente, e ficou logo apaixonado. Talvez tivesse sido a origem inesperada do presente, em vez do objeto em si, mas com o tempo começou a apreciar a sua perfeição. Demorou anos a conseguir ter dinheiro para comprar outro motor. E depois outro. E depois um quarto. E a seguir linhas e desvios e plataformas e amortecedores

e guaritas de sinalização, até o chão inteiro do seu apartamento acabar por ser ocupado por um complicado sistema de linhas férreas entrelaçadas e um cenário variado a acompanhar: túneis com aspeto de terem sido inseridos em montanhas, vacas a pastar junto a rios, campos de trigo, porções de terra com filas de pequenas couves a serem tratadas por homens de chapéus de aba larga. Passado algum tempo, tinha peças suficientes para representar as estações do ano. Era sempre entusiasmante quando sentia a mudança de estação. Uma vez, durante um funeral exclusivamente frequentado pelos companheiros de copos do falecido, o pastor fizera referência aos relógios a atrasarem como parte de uma pesada metáfora no seu discurso fúnebre, e tudo o que Andrew mais desejava era dar pulos de alegria perante a perspectiva de um fim de semana inteiro em que substituíria a atual paisagem verdejante por algo mais outonal.

Era viciante construir aqueles mundos. E dispendioso, também. As suas escassas poupanças tinham sido há muito gastas na coleção e, além da renda, o ordenado ia quase todo para a melhoria e a manutenção do sistema. Já não se preocupava com as horas, e por vezes dias inteiros, que passava na Internet à procura de maneiras de melhorar a estrutura. Não se lembrava do momento em que descobrira e depois entrara no fórum ModelTrainNuts, mas não o deixara desde então. A maioria das pessoas que lá publicava fazia o seu interesse parecer positivamente amador, e Andrew admirava-os a todos. Alguém — fosse quem fosse — que pensasse em publicar às 2h38 a mensagem «POR FAVOR, AJUDEM UM NOVATO: STANIER 2-6-4T CHASSIS RACHADO. AJUDA??» era tanto um herói aos seus olhos como as outras 33 pessoas que respondiam em poucos minutos a dar dicas, soluções e palavras de encorajamento. Na verdade, ele percebia cerca de 10% de tudo o que se falava nas conversas mais técnicas, mas lia tudo, sentindo felicidade genuína quando as questões, por vezes suspensas durante meses, eram resolvidas. Às vezes publicava de boa vontade mensagens gerais no fórum principal, mas o divisor de águas acontecia depois de começar a conversar regularmente com outros três utilizadores e era convidado — nada menos do que

por mensagem privada — a juntar-se a um exclusivo sub-fórum. Este pequeno refúgio era gerido por BamBam67, um dos membros mais antigos do site, a que foram recentemente concedidos direitos de moderador. Os outros dois convidados eram TinkerAl, de acordo com todos um jovem e apaixonado entusiasta, e o mais experiente BroadGaugeJim, que uma vez publicara a foto de um aqueduto que montara sobre um riacho tão belo que deixou Andrew de queixo caído.

O sub-fórum fora criado por BamBam67 para ostentar os seus novos privilégios de moderador — e Bam gostava *mesmo* de ostentar, acompanhando amiúde as suas publicações com fotos da sua estrutura, que parecia ser mais para pôr à vista de todos o tamanho da sua lindíssima casa. Descobriram cedo que todos viviam em Londres, exceto BroadGauge, o entusiasta, membro avuncular do grupo, que andava a «ser ele próprio em Leatherhead» há mais de 30 anos, mas a ideia de se encontrarem na vida real nunca fora levantada. Isto convinha a Andrew, que usava o nome de Tracker. Em parte porque significava que havia vezes em que podia modificar a sua *persona* online para mascarar as suas imperfeições na vida real — percebeu cedo que era para isso que servia a Internet —, mas também porque aqueles eram os únicos, e portanto melhores, amigos que tinha, e conhecê-los na vida real e descobrir que eram uma cambada de imbecis seria uma grande pena.

Havia uma diferença clara entre o que acontecia no fórum principal e no sub-fórum. Existia um ecossistema delicado no primeiro. As conversas não podiam fugir ao tema, e qualquer utilizador que quebrasse as regras era devidamente punido, por vezes com severidade. O exemplo mais paradigmático disto aconteceu quando TunnelBotherer6 publicou com insistência sobre rodapés num tópico sobre engrenagens e foi rotulado de «um desperdício de espaço» pelo moderador. De forma algo sinistra, TB6 não voltou a publicar. No entanto, no sub-fórum, longe do olhar atento do moderador do fórum principal, ocorreu uma lenta mudança. Não demorou a tornar-se um local onde se discutiam assuntos pessoais.

POR VEZES, É PRECISO ARRISCAR TUDO PARA ENCONTRAR UMA RAZÃO DE VIVER.

Andrew tem um trabalho pouco comum: encontrar os familiares das pessoas que morrem sozinhas. Os seus dias são passados a vasculhar casas vazias, a contactar parentes distantes e maldispostos e a assistir a funerais onde não aparece ninguém. A sua sorte é que tem uma família feliz à espera quando regressa a casa. Ou assim pensam os seus colegas de trabalho.

Tudo começou com um mal-entendido durante a entrevista de emprego, mas acabou por tornar-se uma teia de enganos tão complexa que Andrew se vê agora obrigado a manter um registo de todos os pormenores sobre a sua família imaginária. Inesperadamente, é na mulher e nos dois filhos que nunca teve que Andrew encontra conforto, refugiando-se nessa fantasia.

Até que conhece Peggy, uma nova colega que traz uma lufada de ar fresco à sua vida e que rapidamente se transforma numa amiga, fazendo com que Andrew queira deixar de viver uma mentira. Pela primeira vez em muitos anos, sente vontade de começar a viver. Mas a escolha que tem pela frente é muito difícil. Será capaz de contar a verdade e arriscar-se a perder a amizade de Peggy? Ou preferirá manter a mentira com que já se sente confortável?

«AQUECEU-ME O CORAÇÃO,
DEPOIS PARTIU-O E VOLTOU A JUNTAR AS PEÇAS.»

BETH O'LEARY, AUTORA DE *APARTAMENTO PARTILHA-SE*

TOPSELLER

os livros em primeiro lugar

20|20 editora

ISBN 978-989-668-938-4



9 789896 689384

Literatura Traduzida